

# Empresários divergem sobre futuro econômico do país

As discussões para definição da futura política econômica que inevitavelmente surgirão no meio empresarial, quando o próximo Governo abrir a temporada de debates sobre o tema, tiveram um bom triller no Encontro Nacional da Indústria. Especialmente na comissão técnica que tratou do assunto. Foi a mais polêmica e recebeu o nome de Configurações de Política Econômica e as Perspectivas de Longo Prazo do Desenvolvimento Industrial.

Esse grupo de trabalho ficou rachado no meio. Produziu-se um documento final que, na realidade, foi resultado de uma acomodação de posições, mas não houve consenso. A divergência central tratava da prioridade em política econômica no momento: o próximo Governo deve promover o crescimento econômico, mas nos primeiros tempos centrar fogo no combate à inflação, ou simplesmente promover o desenvolvimento econômico e esquecer a inflação?

## Conciliação

As posições dos empresários variam em torno dessas duas possibilidades (alguns contudo preferem mesclar as duas propostas). O presidente da Confederação Nacional da Indústria, entidade promotora do Encontro que terminou sexta-feira, no Rio de Janeiro, Senador Albano Franco, não participou das discussões. Mas perguntado sobre o assunto, foi taxativo: "O ideal é a conciliação das duas propostas. Se não for possível, eu prefiro o crescimento a qualquer custo". Essa expressão a qualquer custo quer dizer mesmo com o risco de uma elevação ainda mais acentuada da inflação. Ele, contudo, não acredita que os índices de inflação subam muito.

Nas discussões dessa comissão, as maiores divergências ficaram por conta de alguns representantes da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP) e de outros da Federação da Indústria do Rio de Janeiro (Firjan). A FIESP tem uma tese mais próxima do desenvolvimento a qualquer custo e a Firjan quer a prioridade ao combate à inflação, mesmo que isso resulte, pelo menos no primeiro ano num decréscimo da produção.

O presidente da FIESP, Luís Eulálio Bueno Vidigal, diz que "do ponto de vista industrial a prioridade é o crescimento". E mais: "O combate à inflação via recessão funcionaria se o País já não estivesse em recessão há três anos". Depois ele concilia com a outra proposta: "Há possibilidade de se manter o desenvolvimento combatendo a inflação. É fundamental que o crescimento não seja feito à custa do combate à inflação".

## Disputa

Para o presidente da Firjan, Arthur João Donato, "crescimento a qualquer custo, nunca. É prudente que se estabeleça uma equidade no combate à inflação". Donato acha que as aspirações do pacto social (um acordo entre Governo, trabalhadores e empregadores que parte do setor

empresarial está lançando à discussão para reduzir a inflação) e do desenvolvimento não são incompatíveis.

O assessor econômico da Firjan, economista João Paulo de Almeida Magalhães, explica mais detalhadamente essa posição. Para ele, a inflação resulta de um conflito distributivo em torno do Produto Interno Bruto (PIB). "Ou seja, os principais agentes econômicos (Governo, trabalhadores e empregadores) reivindicam parcelas do PIB que juntas somam mais do que os 100% do PIB. Essa disputa, "na prática, resulta em aumentos sucessivos de impostos, salários e preços". O pacto social é isso: através de um acordo os agentes econômicos conseguiriam reduzir a inflação.

João Paulo garante que essa é uma técnica inteiramente nova de combater a inflação que pode ser levada adiante sem prejudicar o desenvolvimento. "Nessa política, o máximo que pode acontecer é uma pequena queda dos índices de desenvolvimento no período de um ano. Mas nos anos seguintes o desenvolvimento seria retomado mais aceleradamente porque os efeitos danosos de uma inflação de 200% teriam desaparecido", diz ele.

## Ilusão

O economista da Firjan arrisca uma previsão: "no prazo de um ano a inflação cairia para 100% e no ano seguinte bateria nos 20% ou 30%, o que é aceitável no Brasil". O que ele teme com a definição de uma política que caminhe prioritariamente para o crescimento econômico é o que está acontecendo na Argentina. Quando assumiu o Presidente Alfonsín, a inflação era pouco maior que 400% e agora, já supera os 700% (doze meses), uma situação indiscutível de hiperinflação.

Há outros empresários que ainda não estão participando dessa discussão, mas já têm posição firmada. Um deles é o paulista José Mindlin, da Metal Leve. Ele acha "fundamental combater a inflação porque se não a melhoria pode ser ilusória". Mindlin acredita também que "a nova administração (ele espera que o próximo Presidente seja Tancredo Neves) não vai poder fazer milagres. Mas se todos se dispuserem a um esforço e a um sacrifício de modo que em 85 a inflação se mantenha em níveis próximos aos de 84, já será uma vitória. Esse resultado facilitará a tendência decrescente. Mas de crescimento a qualquer custo eu tenho medo".

O empresário carioca João Fortes, da empresa de engenharia que leva seu nome, pensa de forma semelhante. Para ele, a inflação é um mal tão grande para a sociedade que deve ser liquidada com o maior vigor". João Fortes também acha que "simultaneamente ao combate à inflação, o país tem que crescer".

RUI XAVIER



Lázaro de Mello Brandão

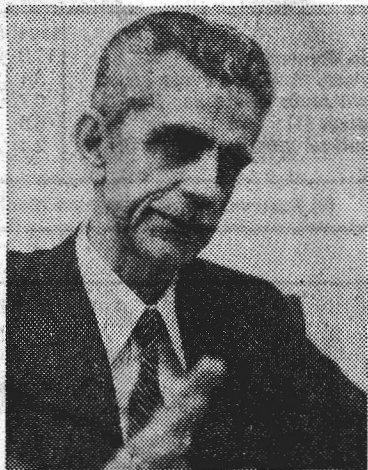


Antonio Ermírio

Arquivo



Arthur Donato



João Fortes



Albano Franco



Laerte Setúbal